

**PARA NÓS**

**O**

**SÉCULO**

**XX**

Permanecem vivas na memória de todos quantos as ouviram, as palavras de alguém que no dia 10 de Junho de 1966 na cerimónia de homenagem aos que defendem Portugal e lutam pelo seu Progresso, soube traduzir o pensamento da grande maioria da nossa juventude.

Hoje esse homem é Ministro e continua firmemente a defender Portugal na frente de Batalha da Educação, lutando contra adversidades, contra aqueles que procuram a estagnação, sofrendo até os ataques daqueles que melhor o deviam compreender.

Ao aproximar-se mais um dia em que modestamente rendemos a nossa homenagem aos que combatem, queremos lembrar esse discurso que ficou para sempre como um dos mais

belos que jamais se ouviu no Terreiro do Paço.

Face à nossa cruzada do século XX que empolga qualquer ser humano, continuamos a não compreender como é possível dar ouvidos àqueles que por cobardia, atraíam Portugal dentro de Portugal. Não compreendemos mesmo como eles podem viver a nosso lado, nas nossas Escolas, nas cantinas e em todos os outros locais, construídos e mantidos com o dinheiro de todos nós, com o dinheiro do Povo.

Para lá da dialética fácil subsiste a consciência firme da juventude que compreende em toda a sua dimensão este novo período de Portugal que se vive com os olhos postos no Futuro.

## **NO ULTRAMAR PORTUGUÊS JOGA-SE NÃO APENAS O FUTURO DE UMA PÁTRIA MAS O PORVIR DE TODA UMA CIVILIZAÇÃO**

Honra grande quizeram o Governo e as Forças Armadas dar à Universidade Portuguesa, solicitando a um dos seus mais modestos servidores que proferisse uma alocução neste momento, quando se vão galardoar alguns daqueles que mais se têm distinguido na luta que no Ultramar travamos em defesa da integridade da Pátria. Nesta cerimónia, que tem a rútila alecridade de uma vitória e a recolhida unção de uma prece, consagram-se os nossos heróis de África, que todo o Portugal respeita e admira na sua glória.

É porém, no recolhimento das lágrimas que brotam silenciosamente, e no sorriso esplendoroso das mães ou das esposas que enlevadamente contemplan os entes queridos é na dolorosa angustia dos que apenas podem recordar os que morreram e na alegria transbordante dos que chorosamente felizes abraçam os que voltaram depois do dever cumprido, que se encontra a verdadeira consagração desses heróis, feita assim por todo o povo que consciente das suas responsabilidades

perante a História e perante o Mundo, se sente senhor do seu destino e se não verga a inconfessáveis interesses ou a passageiros contingências da política.

Efectivamente um dos períodos mais altos e decisivos da sua história já velha de oito séculos a que não faltaram nem as crises nem os momentos de triunfo atravessa-o agora a Nação, porque em sua carne sente que é no Ultramar Português que hoje se joga não apenas o futuro de uma Pátria mas o porvir de toda uma civilização, e sente que com a sua defesa está rasgando horizontes vastos que ... vale a pena viver.

Raramente povo algum terá sido alvo de um mais claro desafio à sua capacidade, ao seu discernimento, à sua força de animo. Por isso cada um de nós, na esfera de acção que lhe é própria, tem de sentir-se e de comportar-se como soldado ao serviço da Nação.

Bem se sabe que não é fácil a tarefa e que tem escolhos o caminho a percorrer; bem se reconhece que nesta luta traiçoeira e sem tréguas que nos é imposta, há dificuldades a vencer e relativa modéstia de recursos materiais para as solucionar.

Mas, nem a sua constante proclamação resolve os problemas que temos de enfrentar, nem ao exaltar essas dificuldades se fortalecem as energias que o destino coloca no mais aceso da luta.

Há, sim, que empregar todas as forças de que podemos dispor as forças materiais e as forças de espírito-trabalhando árdua, incansável e inteligentemente, para vencer aquelas dificuldades e para criar os recursos indispensáveis a um combate que temos de

vencer. E, acima de tudo, há que ignorar os interesses pessoais e esquecer divergências de pensamento, para todos, mas todos, sem faltar um só, nos colocarmos intransigentemente ao serviço do interesse colectivo, já que aquilo por que se luta na Guiné, em Moçambique é indiscutível, porque nos supera, e a todos os interesses igualmente porque é a própria essência da Nação.

### **EM NOME DA JUVENTUDE DO ULTRAMAR**

Temos de ter a clara consciência de que, com a espada ou com o arado; com a ferramenta do operário ou com a pena do intelectual; nos campos verdejantes do Minho ou na floresta impenetrável de Cabinda; na terra adusta de Trás-os-Montes ou na extensa savana de Moçambique; no lar humilde ou na casa abastada; todos temos uma missão a cumprir ao serviço de Portugal, pois cada palmo de terra ou nesga de mar regado pelo suor ou pelo sangue portugueses é um padrão imorredoiro que, se nos dá direitos, nos cria indeclináveis deveres.

É que, nesta guerra desgastante a que nos forçam a cabeça e o desvairo, importa tanto a coragem do soldado que heróica e serenamente luta e impavidamente morre, como a consciente e decidida firmeza da retaguarda que não pode, por obediência e interesses menores, traiçoar aqueles que a defendem e lhe asseguram a sobrevivência.

Direi mesmo que a luta ingente que as Forças

Armadas travam nas longínquas e inóspitas paragens do nosso Ultramar as abnegações e renúncias que vimos exigindo ao melhor da nossa juventude, que é a alma dos exércitos e representa o futuro da Pátria, só podem corresponder às profundas e autênticas necessidades e objectivos do País se aqueles que se encontram afastados das mais directas contingências da luta forem capazes de dar-se inteiramente às pacíficas mas decisivas tarefas de que depende o progresso cultural, económico e social da Nação.

A paz é uma oficina de prosperidade, mas a guerra é a escola de uma lição de fortaleza; e se a prosperidade é fortuna a ganhar, a fortaleza é dever a cumprir glórias militares são frutos que se não devem apetecer, porque precisam de regas de sangue, mas que convêm colher, quando vêm à mão, porque tonificam escreveu algures António Enes.

Adestrada pelos perigos, alertada pelas vigílias, caldeada pelos sofrimentos temperada pelos sacrifícios nas fileiras do Exército que se bate nas mais recônditas plagas da África Portuguesa, está a moldar-se uma juventude mais consciente dos grandes problemas nacionais, com mais seguros conhecimentos das possibilidades e dos recursos do País, mais capaz de decidir com claresa dos destinos da Nação, uma juventude que, quando tiver de julgar-nos, não nos desculpará as ociosidades ou as tibiezas, nem nos perdoará os erros que hajamos cometido ou os desvios que nos afastem do caminho que conduz ao progresso e ao engrandecimento de Portugal.

Em nome da Juventude do Ultramar de quem posso dar seguro testemunho transmito a promessa solene de que, lado a lado com a Juventude da terra-mãe nas nossas terras de África, há-de flutuar sempre, com a altivez, a bandeira da nossa Pátria.

### **EXEMPLO QUE PREVALECE VIVO**

Em consequência do seu sentido ecuménico de circunstâncias históricas, geográficas e económicas, e de um impar espírito de missão o português tornou-se no Mundo o símbolo da comunhão entre as raças de todos os continentes. De comunhão profunda, sem prejuízo de religião ou de côr, alicerçada na sua solidariedade humana e na sua capacidade de viver em comum.

É neste comportamento-natural porque se irmana com o mais fundo dos nossos sentimentos e convicções e tem as suas raízes na história que reside a nossa maior força. Através de múltiplas vicissitudes e incompreensões, ele tem dado à nossa resistência aos chamados "ventos da história" o valor de um juramento sagrado e o significado de uma cruzada de paz e fraternidade. Por termos feito desse comportamento pedra regular do nosso modo de estar no mundo, e por nele termos assente as nossas estruturas políticas e económicas, pretendeu-se outrora, diminuir-nos no consenso internacional. E hoje para se não fazer justiça à política que sempre proclamamos e seguimos, falseados princípios políticos e sociais ou desvirtudes conceitos de moral, deseja abalar-se a estrutura



social que à sombra daquele conceito erguemos e fomenta-se, através de territórios que temos regado com sangue e valorizado com trabalho, a violência e o ódio.

Seguros do nosso direito, certos das nossas razões e conscientes das exigências a que nos obriga uma história que não podemos atraiçoar, é com estas armas que devemos prosseguir e acelerar o esforço que de nós se exige para continuar uma grande nação que permite a todos os seus filhos-brancos, negros ou amarelados - conviverem felizes na dignidade e na paz criando e multiplicando riqueza estimulando e promovendo rápidos progressos educacionais, fomentando por toda a parte a justiça social em perfeita comunhão de convergência de esforços. Portugal vencerá esta batalha a que nos obrigam as forças de subversão e da desordem. Na era de quinhentos, sózinhos e isolados, fortalecidos por fé inabalável e ideais superiores os portugueses das naus em cujas velas se estampava a Cruz de Cristo começaram a levar para África Negra os princípios da civilização cristã. Iniciaram assim uma experiência de convívio social único no mundo, e que a humanidade em nome de si própria, não pode nem deve deixar perder ou impunemente alienar.

Parecer-nos-ia que os homens de hoje deviam fazer desta experiência, corrigida dos erros e libertada dos desvios próprios das obras humanas, o mais sólido alicerce de maternidade e da pacífica convivência entre todos os povos independentemente da sua religião, da sua cor ou da sua política. Infelizmente

assim não é! Mas o exemplo e a herança sagrada que os portugueses então deram ao mundo prevalecem vivos e luminosos, e subsiste a obrigação de os manter.

## **UM POVO QUE QUER VENCER**

"São as Forças Armadas o espelho fiel desses ideais e do portuguesismo sem mácula que nos tornou grandes entre os povos.

Por isso a Nação deposita nelas as suas esperanças, que traduzem a vontade de um povo. Ele quer vencer porque crê na vitória da razão, que, como afirmou o Poeta, é irmã do amor e da Justiça.

Enaltecer, render preito de homenagem às Forças Armadas, afirmar-lhes perene gratidão pela nobre galhardia com que defendem os sacrossantos valores espirituais e morais que de nós fazem uma Pátria é transmitir-lhes a voz reconhecida da Nação que servem. Nós sabemos, soldados de Portugal, que nos recantos mais afastados da Pátria Portuguesa, pensando embora nas mães, nos filhos ou nas noivas, enfrentais, com coragem e valentia o perigo que nos espreita a todo o momento. Sabemos que, quando necessário, em acções abnegadas, demonstrais ao mundo o valor, a lealdade e o mérito do povo lusófado: sabemos que salvamos vidas morrendo e que, com o vosso heroísmo no campo de batalha, que a defesa da bandeira nos impõe galvanizais os companheiros de armas e encheis de orgulho os que de longe ansiosamente vos esperam.

E sabemos também que tudo isso o fazeis pela

continuidade de Portugal e pela sobrevivência de valores espirituais que a todos nos transcendem, porque são a própria alma da Nação.

Soldados que vos bateis na terra, no mar e no ar por Portugal; que estais presente nesta gloriosa velada de armas nacional, que guardais a paz do nosso trabalho sacrificando-nos numa guerra em que estais escrevendo uma epopeia talhada na forja do sacrifício, é com emoção vibrante que nesta sala grande da Pátria, no dia de Portugal, se ergue em nome de todos os Portugueses a minha pobre voz para vos dizer simplesmente, como o glorioso épico que hoje se evoca a Pátria honrai, que a Pátria vos contempla.

\*\*\*\*\*

**FRENTE UNIVERSITÁRIA**  
**COIMBRA**